

Alguém Espera por Mim

Joaquim Manuel de Macedo

Alguém Espera por Mim

© 2009 – Conhecimento Editorial Ltda.

Alguém Espera por Mim

Joaquim Manuel de Macedo

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
conhecimento@edconhecimento.com.br
Caixa Postal 404 – CEP 13480-970
Limeira – SP – Fone: 19 3451-0143

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão:
Meiry Ane Agnese
Mariléa de Castro
Projeto Gráfico:
Sérgio Carvalho

ISBN 978-85-7618-173-6
1ª Edição – 2009

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Macedo, Joaquim Manuel, (Espírito)

Alguém espera por mim / Joaquim Manuel de Macedo : obra psicografada por Janete Marie Monteiro Figueiredo — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2009.

ISBN 978-85-7618-173-6

1. Cientistas - Biografia 2. Cruz, Oswaldo, 1872-1917 3. Espiritismo 4. Psicografia I. Janete Marie Monteiro Figueiredo II. Título

09-03144

CDD – 133.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Cientistas brasileiros : Biografia psicografada :
Espiritismo : 133.9

Joaquim Manuel de Macedo

Alguém Espera por Mim

Obra psicografada por
Janete Marie Monteiro Figueiredo

1ª Edição – 2009



Esta obra enaltece o grande sanitarista Oswaldo Cruz; a ele esta singela homenagem, estendida ao querido “Rio Antigo”, totalmente imolado pelo progresso.

Joaquim Manuel de Macedo

Esta obra procura levar aos leitores fatos que marcaram a cidade do Rio de Janeiro em 1904. São mencionados bairros, ruas e costumes da época, como ambientação para um belo romance e para a luta do grande médico e cientista Oswaldo Cruz.

A obra é repleta de detalhes cuidadosamente pesquisados e retrata o sonho do carioca de então: ver o Rio de Janeiro tornar-se uma metrópole à européia, mundialmente admirada. Os estrangeiros, contudo, contemplavam-na de longe, nos convés dos navios, sem desembarcar, e, após verem a bela paisagem, seguiam viagem para Buenos Aires, sem colocar os pés na terra brasileira. As boas companhias de viagem anunciavam: “Trânsito direto para Buenos Aires, sem passar pelo Brasil e pelos perigosos focos de febre amarela e outras doenças mais, no Rio de Janeiro”.

Esta é uma história real, com acontecimentos, bairros, ruas e lugares igualmente reais. Os nomes de alguns personagens foram modificados, permanecendo, contudo, os nomes verdadeiros de: Oswaldo Cruz, Rodrigues Alves, Pereira Passos, Francisco Bicalho e Paulo de Frontin.

Todos os fatos aqui citados são verídicos e narrados conforme aconteceram, respeitando, inclusive, as datas.

Janete Marie Monteiro Figueiredo

Prefácio

Meus queridos irmãos,

Com esta obra, inicia-se uma série de outras que ainda virão, a fim de homenagear e divulgar grandes vultos que reencarnaram um dia com a sublime missão de serem úteis aos homens deste planeta de expiação.

Esta é uma homenagem ao nosso querido irmão espiritual Oswaldo Cruz, espírito de grande luminosidade, que tanto fez por sua pátria e, mesmo hoje, praticamente esquecido, continua a iluminar nossa constelação celestial.

A felicidade maior em divulgar esta série didática cabe ao querido irmão Joaquim Manuel de Macedo, que, quando encarnado, soube tão bem descrever o nosso querido “Rio Antigo”, ao prestar esclarecimento ao leitor espírita acerca dos grandes vultos que fizeram história.

Esses espíritos, em sua missão sublime, tão bem souberam desempenhar seu papel obreiro, mostrando, assim, que também tiveram de carregar, muitas vezes, o fardo pesado da injustiça e do descaso, e, mesmo assim, venceram, não falharam em suas missões, apesar da iniquidade.

Hoje, muitos deles ainda trabalham para o progresso espiritual, em prol daqueles que ainda lutam para alcançar a luz. Nosso Pai Celestial é perfeito em toda a Sua obra, por isso, encarnados e desencarnados jamais devem perder a esperança de terem seus espíritos iluminados.

Que Jesus, nosso Mestre querido, abençoe a todos.

Bezerra de Menezes

Agradecimento de Oswaldo Cruz
a esta obra em sua homenagem

Meus queridos amigos,

É com imenso prazer que vejo esta obra concluída, embora não seja merecedor de tantos elogios. Contudo, agradeço pelo carinho com que se propuseram a fazê-la. Com todo meu respeito e agradecimento ao querido irmão espiritual Joaquim Manuel de Macedo, que soube tão bem escrever esta história, que afirmo ser real e estou certo de que ela emocionará a todos. A mim resta, com humildade, agradecer, mais uma vez, tantos elogios.

Fiquem com Deus.

Oswaldo Cruz

Depoimentos

Simplesmente, acho pouco o que tenho a dizer sobre o nosso querido Oswaldo Cruz, e é pouco também o que nos propusemos a fazer ao seu lado. Ele, com sua capacidade, merecia muito mais. Sem dúvida, foi um grande sanitarista.

Também me sinto honrado, e não orgulhoso, pelo que fiz, porque era meu dever como presidente da república. Mas creio que, apesar de não mais existir quase ou nenhum vestígio do que foi o nosso querido “Rio”, ainda assim sinto-me bastante gratificado pela abertura da “Avenida Central”, hoje “Avenida Rio Branco”.

Estou ciente de todos os acontecimentos que se passam no Brasil e, realmente, sinto-me bastante entristecido. Muitos falaram de mim, à época, mas tudo o que fiz foi necessário.

Honra seja feita a todos aqueles que me acompanharam, tendo alguns reencarnado em novas missões.

Agradeço em meu nome e em nome de mais dois grandes amigos: Pereira Passos e Paulo de Frontin, a quem dedico todo o meu carinho, respeito e apreço.

Rodrigues Alves
Presidente da República em 1904

Reconstruir o “Cais do Porto”, desde a “Praça Mauá” até o

“Canal do Mangue”, foi necessário. Foi uma grande obra, e sei que muitos, após vê-la concluída, sentiram-se maravilhados por dela usufruir.

Parabéns a todos e ao nosso querido Oswaldo Cruz, por ter sido o mais tenaz de todos.

Francisco Bicalho

Responsável pela construção do Cais do Porto, em 1904

* * *

As ruas estreitas, curvas e malcheirosas de uma cidade, o berço do Rio que tanto fotografei, esse era o retrato de uma cidade pacata, mas que se fez esplendorosa no início do século XX.

Hoje, vejo o rio destruído, e é uma pena que tudo o que fotografei ao longo dos anos já não exista mais.

É o progresso em marcha, destruindo, sem dó nem piedade, tudo aquilo que tantos fizeram com carinho e abnegação. A “Avenida Central” não escapou a este progresso; foi totalmente destruída pelo brasileiro, com seu desejo de modernizar, e não preservar, em oposição ao costume de outrora.

Poderiam ter conservado a avenida como patrimônio histórico, no entanto, preferiram destruí-la, desperdiçando, assim, toda aquela beleza, para dar passagem à “Avenida Rio Branco”, com movimento ininterrupto, incessante...

Pouca coisa restou daquele tempo. Hoje, poucos prédios originais restam ali, talvez sejam seis, mas, enfim, é o progresso...

Com o meu devido respeito e admiração a todos aqueles que tanto contribuíram para que este romance pudesse ser escrito e, em especial, a Joaquim Manuel de Macedo, que soube tão bem organizá-lo, não deixando escapar nada, nem mesmo o meu humilde trabalho, registro minha gratidão e lisonjeio. E, ao nosso querido mestre Oswaldo Cruz, nesta homenagem que lhe é prestada, parabéns mais uma vez, porque é merecedor. Que

os leitores possam reconhecer o trabalho de todos através deste romance, que considero uma obra de inestimável valor.

Marc Ferrez

Responsável pelas fotos da reconstrução da
“Avenida Central”, hoje “Avenida Rio Branco”.

* * *

Senhor, meu mestre, Oswaldo Cruz,

Lembra-te quantas vezes conversamos sobre o nosso tão querido “Rio”? Parecia tão difícil, mas o mestre, com sua coragem e ânimo, tudo conseguiu resolver. Quantas vezes ficaste sem dormir e quantos foram os dias de aflição, quando esperavas que a vacina fosse aprovada pelo Congresso? Mas tu venceste, foste vitorioso, e isso não tem preço. Vi-te, muitas vezes, mestre, pensativo e triste, por julgarem que só querias fama e poder. Mas só pensavas no povo doente e oprimido. Foste, sim, um guerreiro. Venceste todas as batalhas, enfrentando os piores inimigos, com a única arma que tinhas: a sabedoria. Conseguiste extirpar a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Ninguém o faria tão bem como fizeste. As tuas noites mal dormidas não foram em vão, porque muitos ainda se lembrarão de ti e irão saber honrar o grande homem que foste. Bendito o nosso Pai Maior, de nos dar esta graça de poder homenageá-lo.

Graças a Deus.

Bernardo

Aluno de Oswaldo Cruz

A caridade é longânime. A caridade é serviçal. Não é invejosa. Não se vangloria nem se pavoneia. Não faz nada desonesto, não busca o próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor do mal. Não se alegra com a injustiça, mas com o triunfo da verdade. Tudo perdoa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

(Primeira carta do apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto.)

Capital Federal, maio de 1904.

Rafael e Armando, ambos de chapéu-coco e bengala, caminham tranquilamente pela Rua São Clemente, admirando as belíssimas chácaras do lugar. Após atingirem quase o final da rua, param a uns trinta metros de uma bela residência. Trata-se da magnífica mansão da cortesã Eleonora Duprá.

De onde estão, podem observar os grandes portões de ferro e o pequeno chafariz no imenso jardim. Caminham mais um pouco e, parados novamente, agora defronte à construção, admiram sua bela arquitetura.

Armando, já um tanto curioso, pergunta ao amigo:

– Rafael, por que quer tanto conhecer Eleonora?

– Não sei, Armando. Talvez mera curiosidade.

– Só isso?

– Não. Acho-a maravilhosa e sedutora, por isso quero conhecê-la melhor.

– Mas, pelo que sei, só a viu uma única vez.

– Realmente, mas já foi o suficiente.

– Anda a esconder uma paixão?

– Quem sabe...

– Nota-se, meu amigo, nota-se! Mas muito cuidado para que os seus não percebam, porque, se assim for, não quero nem pensar.

– Mas não irão saber, isso eu lhe garanto.

– Espero que tenha certeza quanto a isso. É filho único de

uma das famílias mais tradicionais de todo o Rio de Janeiro, e logo você, apaixonado por uma cortesã!

– O que posso fazer? – responde Rafael, com tranquilidade.

– Mas, com tantas moças ao seu redor, você vai logo se sentir atraído por Eleonora?

– Armando, meu caro amigo, se eu pudesse escolher, ficaria interessado, sem dúvida nenhuma, por Helena.

– Concorde com você, Rafael. De fato, não se pode fugir ao encantamento da bela cortesã, mas me parece que ela já beira os trinta e dois anos, e você só tem vinte e sete...

– Pouca diferença, meu amigo, muito pouca.

Armando sorri com o entusiasmo do amigo, mas fica preocupado. Sabe o quanto seria ruim Rafael se envolver com uma cortesã. De fato, não era mais um adolescente, para ficar suspirando. Armando nota que o amigo está completamente atraído por Eleonora, e isso o preocupa muito.

Continuam a caminhar até pegarem um bonde, e Armando insiste:

– Então, irá lá, hoje à noite?

– Como não? Por que eu haveria de recuar? – diz Rafael, sério.

– Não sei... Talvez fosse bem melhor ficar como está, não ter um envolvimento mais íntimo com essa senhora. Não achas que seria mais prudente?

– Por quê? – pergunta Rafael, preocupado.

– Porque se, antes de tê-la, já está assim, imagine depois...

– Talvez tenha razão – diz Rafael, após um instante de reflexão, e continua – mas, se eu não for, não sossegarei.

– Espero que esta paixão passe, Rafael. Quem sabe se não é apenas uma mera ilusão, e, depois que a tiver em seus braços, não caias na realidade!

– É por isso que tenho que ir, Armando. Só assim terei essa certeza, só assim.

Rafael era filho de uma das famílias mais tradicionais do Rio de Janeiro, e, assim como o pai, formara-se médico, exercendo a profissão com prazer. Apesar de ter sonhado com a carreira de bacharel em direito, optou pela medicina, por influência

do pai. Era um jovem atraente e sonhador. Alto e forte, tinha cabelos e olhos castanho-claros.

Armando, por sua vez, exercia a profissão de advogado e era o melhor e mais sincero amigo de Rafael. Estavam sempre juntos, desde os tempos de colégio. Como Rafael, era também forte e alto e usava bigode preto bem aparado. Já contava com seus vinte e nove anos e era perdidamente apaixonado por Helena; contudo, não deixava transparecer, pois sabia do amor da jovem por Rafael.

Os amigos se despedem, e Rafael segue para sua residência, no bairro das Laranjeiras. Na mansão de Eleonora, o requinte e a elegância eram perceptíveis em todos os ambientes. A decoração interna era rica, com tapetes Gobelins, porcelanas importadas de Meissen e Sèvres e esculturas estilo *Art Nouveau* e Neo-Rococó. Ali se fechavam grandes negócios, decidindo importantes rumos econômicos e políticos, onde se promoviam serões artísticos e mundanos.

Eleonora, com a ajuda de Isolda, veste um elegante espartilho de fino tecido brochê. Ao passar o cordão no último furo, a criada lhe pergunta:

– Qual desses vestidos a senhora quer que eu passe?

– Por favor, Isolda, o de tafetá vermelho.

– Hoje à noite, então, a senhora não irá receber ninguém?

– Bem sabes que não! Só tratarei de assuntos importantes com o comendador Cerqueira – diz, após ajeitar os seios, ainda mais realçados com o espartilho.

E continua:

– Quando visto este vestido é porque me encontro naqueles dias terríveis. Irei vesti-lo até depois de amanhã ou quem sabe até mais.

– Sim, senhora – conclui Isolda.

– E, por favor, avise a cozinheira que não janto hoje, que faça só um lanche, nada pesado, e que separe champanhe para mais tarde.

– Está bem. Com licença.

Isolda se retira levando o vestido para passar. Era a única criada que entrava para cuidar dos aposentos de Eleonora. Era

cuidadosa e fiel com tudo o que se relacionava à patroa. Sendo sua criada de confiança, sabia tudo a respeito da bela cortesã. Contava seus vinte anos e era branca – era elegante ostentar brancas no serviço da casa. Mas Eleonora não pensou nisso, quando a encontrou perambulando pelas ruas do Rio.

Estava Isolda, na época, com doze anos, e não tinha onde morar, pois ficara órfã e vivia mendigando. Eleonora não pensou duas vezes, levou-a para a sua mansão e a empregou, para que tivesse um teto. Isolda lhe era grata e via nela uma segunda mãe.

Enquanto esperava o vestido, Eleonora se penteava, arrumava os belos cabelos louros e sedosos. Após arrumá-los, passou uma leve camada de pó-de-arroz e um pouco de ruge. Os olhos muito azuis ficavam ainda mais belos com sua pele muito clara. Eleonora era realmente belíssima. Filha de uma austríaca e de pai desconhecido, viera para o Brasil quando bem pequena, com a mãe, que, logo, se tornara a cortesã mais famosa da Capital Federal.

Quando sua mãe faleceu, Eleonora contava com apenas dezoito anos, sentia-se só e menosprezada pela sociedade, por ser filha de quem era. Seguiu quase que obrigatoriamente os passos da mãe, para sobreviver. Ainda tentou aprender um ofício, mas, onde ia, era humilhada.

Eleonora não se sentia arrependida. Vivia cercada de amigos influentes e de muito luxo. Por isso, cobrava um preço bem alto. Não era qualquer um que Eleonora recebia. Se não era conhecido, mas tinha dinheiro e posição para passar uma noite com ela, mandava investigar. Por isso, era respeitada.

Era boa e caridosa; uma boa parte do dinheiro que recebia era aplicada para que pudesse comprar alimentos e agasalhos para aqueles que viviam na miséria e nos cortiços.

Todos os meses, lá ia ela, com Isolda, distribuir tudo o que comprara para os miseráveis da Capital Federal. Sim, miseráveis! Só os ricos podiam escapar no verão, para bem longe do Rio de Janeiro, por causa da febre amarela, da cólera, da varíola e da peste bubônica. Os senhores abastados fugiam dessas pragas e passavam o verão em Petrópolis, em chácaras tranquilas, tendo a mata e as montanhas da serra como colírio.

O presidente da república e seus ministros subiam no verão para lá, e o Rio de Janeiro ficava entregue aos ratos, aos insetos e aos pobres, por isso Eleonora se preocupava. Não os abandonava, nem mesmo no verão.

Rafael, ao chegar à casa, encontra-a cheia. Seu pai recebe amigos e colegas de trabalho, e o assunto era o mesmo de sempre: a varíola.¹

Mas Rafael está tão ansioso com sua ida à mansão de Eleonora que mal consegue manter um diálogo. Desejava tomar banho, trocar-se para logo mais sair. Meio sem jeito, pede desculpas, dizendo que infelizmente terá de se retirar, por ter um compromisso. Após se arrumar com esmero, desce até a pequena saleta e encontra sua mãe, que, ao vê-lo apressado, interroga:

– Vai sair de novo, Rafael? Não janta conosco?

– Não. Hoje, não, mamãe. Fiquei de me encontrar com Armando.

– Mas temos convidados...

– Já me desculpei, não se preocupe. Bem, agora, terei que ir e...

– Espere, Rafael. Queria que soubesse que Helena virá passar o fim de semana conosco e gostaria que lhe fizesse companhia.

Rafael, olhando o relógio, diz à mãe com carinho:

– Preciso ir, agora, senão, me atraso.

– Queria tanto vê-lo casado com Helena... – insiste.

– Mamãe, a senhora bem sabe o quanto admiro Helena, mas sabe também que não a amo.

– Mas, meu filho, isso é bobagem. O amor vem depois, com a convivência.

– Prefiro eu mesmo decidir isso com mais calma. Por favor...

– Está bem, Rafael. Se você quer assim... – responde com ar desanimado.

– Ora, não fique triste, vamos – diz, após beijar-lhe a testa carinhosamente.

E continua:

¹ Porque, no tocante à febre amarela, os resultados foram excelentes. Mas restava ainda a varíola, e, para isso, o dr. Oswaldo Cruz esperava, preocupado, que a lei fosse aprovada no Congresso, tornando, assim, a vacina obrigatória.

– Bem, agora tenho que ir.
– Diga a Armando que lhe mando um abraço e que venha nos visitar.

– Está bem, darei o recado.

Rafael, assim que chega à rua, faz sinal para a primeira charrete que avista e, durante o percurso, fica se lembrando do dia em que conheceu Eleonora. Fora numa tarde, quando ela estava com Armando na Confeitaria Colombo. Era um lugar muito bem frequentado, repleto de gente importante. Logo que chegaram, atravessaram o salão do café e subiram para o restaurante. Eleonora estava, naquela tarde, sentada em uma das mesas e deslumbrava a todos com a sua rara beleza. A seu lado, um homem elegantemente vestido. Quando Rafael a viu, fascinou-se e, após olhá-la por algum tempo, sem que ela percebesse, chamou o garçom e lhe perguntou, curioso:

– Quem é a bela senhora que está naquela mesa e usa um vestido lilás? – tudo com a maior discrição.

O garçom respondeu sorrindo:

– É a famosa cortesã Eleonora Duprá, e o cavalheiro ao seu lado é um banqueiro de São Paulo. Estão sempre aqui.

– Obrigado – disse, após lhe dar uma boa gorjeta pela informação.

Imediatamente, voltou-se ao amigo.

– Você a conhecia, Armando?

– Não. Só por sua fama. Mas é realmente belíssima.

Seus pensamentos são interrompidos, quando a charrete para diante da mansão. Rafael, depois de pagar a pequena viagem, desce e caminha em direção ao portão e faz soar o pequeno sino dourado. Depois de algum tempo, uma criada, impecavelmente vestida, vem atendê-lo.

– Pois não, senhor?

Rafael, meio sem jeito e por demais ansioso, responde:

– Eu... eu gostaria de falar com a senhora Eleonora Duprá.

– O senhor marcou esta visita?

– Não...

– Então, sinto muito, mas, sendo assim, ela não poderá recebê-lo. E, se o senhor não tem indicação de um frequentador, muito menos.